

## Prólogo

Apesar do silêncio, o som das engrenagens do portão da Grotta IV ecoou despercebido pelas vielas do tradicional bairro carioca. Era madrugada e seus moradores anestesiavam-se em sonhos merecidos.

Todos, menos um.

Com os olhos entreabertos, Michael Queiróz, o “Mic”, observava as sete muralhas em forma de homens cruzarem sem cerimônias a passagem recém-aberta por ele. Ainda decidia se sua visão era causada pelos baseados que consumira horas antes ou, simplesmente, por sua sonolência. Piscou para lubrificar a córnea e se debruçou na janela da guarita sob sua proteção para ver melhor os brutamontes, bem ao lado da entrada suspensa.

Sua confusão era normal. Há mais de três anos guardando aquele portão, jamais vira o esquadrão de elite dando as caras em Grotta IV. Na verdade, nunca soubera que ele visitara, algum dia, seu bairro.

Ficou se perguntando se sonhava. Porém, quando o grupo andou um pouco mais pela terra batida e se pôs de costas para Mic, o rapaz viu algo ameaçador demais para ser onírico: bordado de branco atrás dos coletes dos homens, o perfil de uma famosa e temida cobra-rei.

Aflito, Mic coçou a garganta. O que acontecia, afinal, naquele bairro-caverna de tão extraordinário que justificasse a presença desses sujeitos? Não gastou cinco segundos tentando adivinhar. Relaxou e largou-se no mesmo banco onde estava momentos antes, até ser despertado pelo líder do bando.

Encarou Rodney, seu companheiro de vigília, desabado no chão e amaldiçoou mais uma vez o vitiligo em seu rosto. Olhou o walk-talk, sobre uma mesa repleta de farpas, e decidiu não incomodar seu chefe. Recostou-se, jogou a aba do boné sobre o rosto e fechou os olhos.

Não contaria a ninguém, ao menos não naquele momento, sobre a presença dos homens. Sabia que, fosse qual fosse sua missão, não tardariam em cumpri-la e partir sem contratempos. Afinal, sua discrição e eficiência eram lendárias.

Assim como a sua crueldade.

\*\*\*

Após entrar em Grotta IV, o esquadrão seguiu por um beco que terminava na área B, notória pela concentração de oficinas eletroeletrônicas e mendigos. Nenhum dos homens tinha menos que um metro e oitenta e seus uniformes negros lhes conferiam uma camuflagem excelente sob a pouca luz.

Serpentearam em frente a casas de madeira e chapas de aço – poucas eram de alvenaria – e alcançaram a Praça do Ébrio. Contornaram-na. O líder do esquadrão ergueu o punho e todos pararam diante de um portal de ferro com a pintura desgastada. “Vila dos Justos” estava escrito no topo, em letras serifadas.

Após ler o nome, o líder gesticulou para que seus subordinados seguissem vila adentro. Os canos de seus P12H – rifles plasmáticos raramente vistos por aquelas bandas – foram apontados simultaneamente em várias direções, em gestos firmes de precaução.

Sem demora, chegaram ao penúltimo barraco da vila. Além, só havia mais um, colado na rocha da caverna que abrigava Grota IV. Ao ultrapassarem uma cerca de arame e pisotear mudas de tomates, dois homens grudaram as costas nas laterais da porta. Quatro se curvaram e apontaram suas robustas armas para ela.

O coturno do líder atingiu a chapa com força. O fecho não resistiu e a porta tombou. Os sujeitos invadiram a escuridão e pressionaram um botão na altura das têmporas, acionando o infravermelho dos capacetes. As peças, de visor em forma de “V”, impediam que seus rostos fossem vistos.

A busca não seria difícil. O barraco possuía apenas dois cômodos pequenos e a chance de abrigar ameaça a combatentes tão bem treinados era praticamente nula. Sem relaxar, porém, parte deles escolheu o ambiente da direita e, o restante, o quarto em anexo. O líder permaneceu na entrada, para se certificar de que olhos curiosos não atrapalhariam suas ações.

Os homens que seguiram para a direita pararam ao ver um adolescente deitado de bruços em um sofá, com a boca aberta e o braço direito pendendo até o chão. Um deles se aproximou e lhe cutucou as costas com a coronha do rifle. Notando que o corpo franzino continuava imóvel, agachou e retirou um dispositivo do bolso. Ergueu cuidadosamente uma das pálpebras do jovem e aproximou o aparelho em forma de bastonete de sua retina. Um feixe vermelho a percorreu. Quando sumiu, uma luz laranja acendeu no dispositivo.

Não era ele.

Gemidos foram ouvidos no ambiente ao lado. O trio correu e viu que seus companheiros agarravam outro garoto, aparentemente de mesma idade do adormecido. Debatia-se como um peixe recém-fisgado e sua boca já estava coberta por uma luva grossa. Apenas suas pernas estavam livres e, com elas, o jovem tentava agredir seus oponentes. Mas só conseguiu acertar sua cômoda, fazendo canecas e outros vasilhames desbotados irem ao chão.

Ao ouvir os objetos se espatifarem, o líder do esquadrão deixou a entrada. Chegando ao cômodo, viu o adolescente quebrar o dedo de um de seus apanhadores com um chute e se espantou. Decididamente, não era um alvo dócil como os anteriores.

O combatente atacado não revidou. Quietamente, pressionou o dedo ferido contra o abdômen. O líder esperou o jovem em fúria ser amordaçado, parou a alguns passos dele e lhe apontou o rifle. Antes de atirar, girou uma pequena alavanca na arma com o indicador.

O dardo partiu do cano secundário do P12H e acertou o pescoço do adolescente. Seus movimentos ficaram lentos e os membros amolecidos. Segundos depois, a inconsciência lhe abraçou.

Os homens saíram da casa e partiram da vila, um deles com o jovem nos ombros. O líder parou no quintal e, por um momento, pensou em retirar o capacete para sentir a brisa que cortava as galerias de Grota IV, ainda viva em suas memórias de infância.

Mas o desejo não durou. Afinal, aquela era nada menos que a missão de número duzentos e quarenta do mesmo tipo que, em dois anos, ele e seus homens haviam cumprido. A meta tinha sido batida e recompensas muito mais sedutoras lhes aguardavam.

Sorrindo orgulhoso, correu para se reagrupar, pois sua equipe já alcançava a Praça do Ébrio. Agora só precisava sair com ela de Grota IV e levar o adolescente à cidadela para colher os louros.

O que o Espanhol e sua equipe de cientistas malucos fariam com ele não lhe dizia respeito. Não era premiado para questionar e sim para agir. Mesmo assim, especulou o que poderia acontecer ao jovem e sentiu pena.

Mas só um pouco.

## 1 – Crônica para a R.R.L. – Música

*“(...) Antes de me despedir  
Deixo ao sambista mais novo  
O meu pedido final*

*Não deixe o samba morrer  
Não deixe o samba acabar  
O morro foi feito de samba  
De Samba, prá gente sambar”*

***Edson Conceição e Aloísio, Não deixe o samba morrer***

Hoje o samba morreu.

Certo, não o samba, mas um sambista. Acontece que esse sambista era tão importante que não resisti em comparar o homem à arte. E não podia fazer isso de outra forma a não ser parafraseando uma música tão antiga quanto o tempo em que essa cidade era bela.

*Por que tão importante?* – os desavisados se perguntarão. Simples. Wilson Souza Lobric, o eterno Seu Souza, era o último integrante de uma escola que seguia à risca, e apaixonadamente, lições deixadas por nomes consagrados como Edson Conceição e Aloísio, os autores de “Não deixe o samba morrer”. Para o novato que ainda não sabe, canção eternizada na voz de Alcione Dias Nazareth. Isso mesmo. A patrona de nossa queridíssima Quadra dos Novos.

Seu Souza viveu sob a luz artística não só de Edson e Aloísio, mas de outros mestres, como Cartola, Elenir Cunha e Geraldo. Sujeitos cujas obras eram tão magníficas que transcenderam gerações, viraram hinos. Ignoraram os limites da cor, do credo e das extintas classes sociais, no período em que a segregação imposta por elas era a mais rígida.

Obras que traduziam tão bem o espírito do carioca médio do século XX e XXI que sobreviveram até mesmo à desgraça ocorrida nesse último. E cuja fineza e alegria ainda ecoam em nossos corações. Dissolvem, mesmo que por um instante, a gelidez que há neles.

É uma pena que Seu Souza fosse o último grande compositor do chamado “samba puro”. Algumas de suas maiores obras, “Às dez na Grotá”, “Encantado” e “Plasma não” evocavam tudo que havia de genial nas antigas melodias dos séculos passados mesmo dentre os Cinco Magos.

Um feito que, a meu ver, os famigerados *samba-dumps*, *samba-techsa* ou *samba-hail*, são tantos nomes agora, estão longe de conseguir. Sem dúvida, repetir a simplicidade e emoção dos versos feitos pelos “Cinco” e todos os ícones que vieram antes deles será o grande desafio dos que batucam não só na Quadra dos Novos, mas em todas as outras do Rio de Janeiro.

Que ao menos aqueles que estão começando agora a adestrar seus cavaquinhos, pandeiros e buia-buias ouçam, não só com os ouvidos viciados, mas também com a alma, as músicas de Seu Souza e consigam captar e retransmitir as mensagens de amor, luta e redenção que ele nos passou. Afinal, seus arranjos e letras foram seus reais ensinamentos e legado.

É duro admitir que será difícil. Seu Souza não nos deixou um sucessor competente. Richard Brassan é uma promessa, mas ainda está longe de fazer samba como o mentor. Talvez por influência da tendência de fusões simplistas e infantis, seu trabalho ainda passe longe do de Seu Souza. Flerta, mas não tem o mesmo carisma do samba sincopado, imprevisível e espirituoso. Aquele de longa data e original, assim como o Seu Souza.

É realmente uma lástima. Mas, como diria o próprio em um dos seus bordões: fazer o quê?

Podem me chamar de nostálgico, antimisógeno e saudosista. Mas de uma coisa tenho certeza: com a morte de Seu Souza, o futuro do samba aqui, nesse pedaço de inferno, é nebuloso. Muitas mudanças virão. Vamos apenas torcer para que sejam boas.

Enquanto isso, Seu Souza, descanse em paz no panteão do samba, junto daqueles que um dia contribuíram para que o Rio de Janeiro conseguisse uma identidade tão forte e charmosa. A mesma que, por mais de cem anos, seduziu e povoou sonhos do mundo inteiro.

Que aquilo que restou dessa identidade jamais se perca, sejam quais forem os músicos a assumir o lugar de Seu Souza. Por isso, para eles, faço um último e humilde pedido: não deixem o samba morrer.

Hoje é 17 de janeiro de 2189 e sou Dilios Américo, para a Rádio Rio Livre.